

MFM ADVISOR · RADAR SEMANAL DO AGRO

A conta do insumo — e quem banca a safra

O custo do fertilizante, do diesel e da mão de obra apertou a 2026/27 e o produtor corta insumo. Enquanto isso, o crédito que sustenta a safra mudou de mãos: as cooperativas passaram os bancos.

EDIÇÃO 05 · 31 DE AGOSTO DE 2026



MFM

ADVISOR RESEARCH

O aperto do insumo

O custo da 2026/27 tem um epicentro — o fertilizante. E a resposta do produtor é a mais dura: cortar insumo.

A pressão de custo da safra tem um epicentro no fertilizante. O enxofre — insumo-base dos fosfatados — subiu **1.225,6%** entre janeiro de 2024 e julho de 2026 no porto brasileiro, segundo a ANDA, que pleiteia R\$ 2 bilhões de subvenção para conter um prejuízo estimado em até R\$ 30 bilhões. E não é só preço: a Mosaic prevê **falta de fosfatado** a partir de setembro, com uso podendo cair até 30% (CNN, 25/08) — é a estimativa de um fornecedor, mas o aperto de oferta é real.

O custo não para no adubo. A safra recorde deve elevar a demanda de diesel em cerca de **200 mil barris/dia** acima do padrão de entressafra no pico de plantio e colheita, com os estoques americanos — origem de mais de 80% do diesel importado — na mínima

GRÁFICO 1

sazonal (Bloomberg Línea, 30/08). E a mão de obra virou gargalo: **45%** dos produtores já apontam a escassez como principal desafio e cerca de 30% trocaram de atividade por causa dela (CNA, 26/08).

Diante da conta, o produtor faz o que cabe no bolso: **corta insumo**. É o que explica a projeção de queda de **1,38%** na produção de grãos da 2026/27, puxada por menos fertilizante e mais semente salva. No Mato Grosso, a Cogo projeta a margem da soja em apenas 4,1% (ante 3,3%) — uma folga mínima que o El Niño e a subadubação podem consumir. É a safra no fio da navalha: qualquer susto climático encontra a lavoura com menos defesa.

O enxofre multiplicou o custo do fertilizante

Índice do preço do enxofre CFR Brasil (jan/2024 = 100)



Fonte: ANDA. Elaboração: MFM Advisor

O crédito mudou de mãos

Com o custo no teto e o juro alto, o crédito virou tão decisivo quanto o preço — e trocou de dono.

Se o custo aperta, a pergunta seguinte é quem banca a safra — e a resposta mudou. Pela primeira vez, as **cooperativas superaram os bancos privados** no crédito rural: contrataram **R\$ 45,76 bilhões** entre janeiro e julho de 2026, contra R\$ 35,31 bilhões dos bancos privados, saindo de um saldo negativo de R\$ 1,46 bilhão em 2025 para R\$ 10,45 bilhões positivos (Confebras, com dados do Banco Central, 24/08). O avanço é mais forte nos **629 municípios** onde os bancos tradicionais recuaram — o funding foi para onde o balcão sumiu.

O Estado também se mexeu, e mirou no ponto mais dolorido: o fertilizante. O Conselho Monetário Nacional **cortou para 3% ao ano** (ante 8% e 6,5%) o juro do plano Brasil Soberano para investimento na cadeia de

fertilizantes, com prazo de protocolo no BNDES até 31 de dezembro de 2027 (CMN/BC, 27/08). Na mesma semana, o CMN **destravou a renegociação de dívidas rurais**, liberando as instituições a usar até 40% dos recursos obrigatórios para reestruturar operações de produtores atingidos por clima e mercado (Resolução 5.330/2026).

No elo cooperativo, o movimento se repete no balcão: a Coamo manteve **R\$ 9 bilhões** em financiamento aos associados diante do que chamou de "tempestade perfeita" de custo e juro (Bloomberg Línea, 27/08). O desenho é claro — com o custo no teto e o juro alto, o crédito virou tão decisivo quanto o preço na hora de fechar a conta da safra.

GRÁFICO 2

As cooperativas passaram os bancos no crédito rural

Crédito rural contratado, jan-jul/2026 · R\$ bilhões



Fonte: Confebras, com dados do Banco Central. Elaboração: MFM Advisor

Mas a receita ainda segura

Nem tudo é aperto: algodão, açúcar, café e a janela americana da carne dão sustentação do lado da receita.

Do lado da receita, há fôlego. O algodão bateu **recorde histórico** de exportação: 3,37 milhões de toneladas no ano comercial encerrado em julho (+19%), com US\$ 5,3 bilhões de receita (ABRAPA, 24/08). O açúcar tem a oferta mundial projetada em 184,9 milhões de toneladas, com El Niño como principal risco de aperto — e risco de oferta tende a sustentar preço (USDA, 26/08). E o café arábica subiu **35%** desde junho, embora a chuva em excesso tenha derrubado a fração de café fino, a de maior prêmio (Bloomberg Línea, 24/08).

Na carne, abre-se uma janela e fecha-se uma porta ao mesmo tempo. Os Estados Unidos ampliaram a cota de importação em **300 mil toneladas** por 90 dias a partir de 1º de setembro, o que ajuda a compensar a taxa chinesa (Abrafrigo, 27/08) — mas o ganho é limitado, porque a cota exige preços cerca de 25% menores (Abiec, 26/08). E a União Europeia fecha a porta às proteínas brasileiras em **3 de setembro**, prazo que o ciclo de vida do boi torna quase impossível de cumprir (Globo Rural, 08/2026).

TAMBÉM NA SEMANA

Trigo. Safra brasileira 2026 recua 23,5% (CONAB) e a indústria moageira projeta custo maior com menor oferta. *Sindustrigo/SP*

Soja/China. China pode cortar 25% das importações (cerca de 23 Mt) até 2030 — sinal de demanda estrutural a vigiar. *Embrapa Soja (projeção)*

Carne/EUA. Rebanho de corte americano no menor nível desde 1952 (-13% desde 2019) sustenta a demanda importadora. *BTG/USDA*

Amônia. Pesquisa brasileira avança em rota mais barata e limpa de amônia — alívio futuro no custo do nitrogenado. *FAPESP/CINE*

Nesta safra, o custo e o crédito decidem antes do preço

A 2026/27 está sendo escrita menos pela demanda e mais pela estrutura de custo e pelo acesso a crédito.

Junte as peças e o desenho é claro: a safra 2026/27 está sendo escrita menos pela demanda e mais pela **estrutura de custo** e pelo **acesso a crédito**. O produtor que corta fertilizante para caber no orçamento está, na prática, hipotecando produtividade — troca risco financeiro hoje por risco agrônômico na colheita. E numa safra assim, o funding deixou de ser detalhe: escolher bem entre a cooperativa, o banco e a linha subsidiada do Estado passou a valer tanto quanto travar o preço de venda.

Para o produtor, a leitura prática tem duas frentes, ambas sob algum controle. A primeira é a **compra de in-**

sumo: quem travou fertilizante cedo e planejou a adubação atravessa melhor a escassez do fosfato; quem deixou para a última hora compra caro e aduba menos. A segunda é o **crédito**: a virada das cooperativas e o juro de 3% do Brasil Soberano abrem alternativas reais ao balcão bancário — mas exigem que o produtor conheça as linhas antes de precisar delas.

As próximas edições acompanham três termômetros da 2026/27: a chegada — ou não — do fosfato e do enxofre para o plantio, o ritmo de desembolso do crédito cooperativo, e o repasse do juro de 3% do fertilizante ao custo real da lavoura.

Em uma frase: nesta safra, travar insumo cedo e escolher bem o crédito — cooperativa, banco ou a linha de 3% do Estado — vale tanto quanto travar o preço de venda.

SOBRE

SOBRE O MFM ADVISOR RESEARCH

O MFM Advisor Research produz análise independente do agronegócio a partir de dado primário — CEPEA, CONAB, USDA, Banco Central e órgãos oficiais —, com método explícito, auditável e reproduzível. O Radar é o resumo analítico semanal das notícias que movem a margem da safra.

Conteúdo desenvolvido com curadoria técnica em parceria com o CIAgros/UFLA — Prof. Luiz Gonzaga de Castro Júnior (Chefe do Depto. de Gestão do Agronegócio, UFLA) e Matheus Mangia (Mestre em Administração — UFLA, linha de Negócios Globais e Finanças Corporativas).

Este material tem caráter informativo e não constitui recomendação de investimento, jurídica ou tributária. Dados citados com fonte e data; decisões devem considerar assessoria profissional. © 2026 MFM Advisor · Fabrício Mangia Marques.